

EDITORIAL

Analúcia Danilevicz Pereira

Dezembro/2025

O contexto mundial atual, no qual a África adquire relevância, apresenta um conjunto de tensões sobrepostas e multifacetadas, cujo epicentro estamos atravessando. A crise atual é bastante peculiar, principalmente pela simultaneidade de vários eventos que convergem em direção aos conflitos e às guerras. Por outro lado, o desgaste político, ideológico e econômico do Ocidente descortinou, no continente africano, uma diversidade de projetos, novos regimes políticos e intenso crescimento econômico que ampliou o lugar da África na economia global. As mudanças de caráter sistêmico na posição do continente africano, como espaço geopolítico e geoeconômico, decorrem do estabelecimento de um novo padrão político de interações internacionais, com o desenvolvimento das parcerias africanas nos marcos da Cooperação Sul-Sul e Sul-Leste, paralelamente à erosão do monopólio político e econômico de cinco séculos do Ocidente. A África caminha, nesse sentido, em direção à defesa da adequação da ordem internacional às realidades do século XXI.

É preciso considerar que, com o final da Guerra Fria, os EUA emergiram como Estado desestabilizador, conduzindo à descrença no sistema econômico liberal e à crise da globalização neoliberal. Na esteira desse processo, a União Europeia declinou e perdeu, gradativamente, sua área de influência. Ao mesmo tempo, novos polos economicamente dinâmicos (inclusive no campo tecnológico) ascenderam e revelaram a crise do Ocidente como centro de poder mundial. A proatividade africana, árabe e asiática combinada com as alianças táticas das chamadas “potências emergentes” em relação às ações dos EUA impulsionou realinhamentos internacionais na busca de novos modelos socioeconômicos. Trata-se de uma transição geopolítica em curso demonstrada, também, pela intensificação das crises e conflitos.

Considerando a nova realidade geopolítica mundial, bem como a posição do continente africano e seus desafios, no presente número contamos com a contribuição de acadêmicos do Brasil, de Cuba, da Nigéria e de Serra Leoa que abordam, por diferentes eixos, tal problemática. No artigo intitulado

El cambio geopolítico en el Sahel: el fortalecimiento sino-ruso vs el declive franco-estadounidense, Yoslán Silverio González analisa como a insegurança no Sahel impacta sobre o cenário geopolítico mundial. Segundo o autor, o esgotamento do modelo de cooperação euroamericano e o fracasso na contenção do terrorismo provocaram uma onda de golpes de Estado em oposição a presença militar francesa, fortalecendo a presença sino-russa na região. Guilherme de Araujo Grigoli, em *Refúgio, Integração e Cooperação Sul-Sul: Uganda em perspectiva e a projeção do Brasil no Atlântico Sul*, discute a resposta de Uganda ao deslocamento forçado originado, sobretudo, do conflito no Sudão do Sul, articulando o arcabouço jurídico-institucional doméstico, os compromissos regionais africanos e a implementação programática recente. Para o autor, derivam-se implicações para cooperação Sul-Sul Brasil-África (Atlântico Sul) em consonância com o regionalismo africano contemporâneo.

No artigo *Paz em pedaços: a política e as armadilhas da construção da paz no Sudão do Sul*, Ibrahim Bangura examina a política e as dificuldades da construção da paz no Sudão do Sul, analisando por que ela permanece inatingível, apesar dos compromissos assumidos no âmbito do R-ARCSS. Já Guilherme Silva Pires de Freitas e Felipe Antonio Honorato, no artigo intitulado *A Confederação Africana de Futebol (CAF) e a Copa Africana de Nações (CAN) como exemplos de um Pan-africanismo efetivo: uma breve discussão*, analisam como tanto a CAN quanto a CAF foram usadas para o reforço de identidades nacionais e regionais, para a integração regional e a projeção internacional de África. Segundo os autores, o futebol rapidamente se mostrou uma importante ferramenta diplomática, política e de integração para os líderes da África independente.

Em *O Pansomalismo na construção e na crise do Estado somali: integração e Irredentismo*, Rafaela Pinto Serpa discute o pansomalismo como ideal e movimento na construção e na crise do Estado somali. A autora argumenta que o pansomalismo operou em duas dimensões simultâneas: como vetor interno de integração nacional e como projeto externo de reunificação territorial dos povos somalis no Chifre da África. Na sequência, Angelita de Carvalho e Vavito Andre da Costa discutem em *Um olhar para o processo de transição demográfica em Guiné-Bissau* a transição demográfica entre 1950 e 2020, bem como futuras tendências populacionais de Guiné-Bissau. Os autores buscam apresentar e discutir os processos históricos, sociais e políticos do país e sua relação com a transição demográfica. E ainda, estimar e compreender o modelo de transição demográfica vivenciado por Guiné-Bissau e países na região da África Subsaariana.

Por fim, no artigo *Construção endógena da paz no Delta do Níger: abordagens centradas na comunidade e caminhos alternativos de desenvolvimento*, Tope Shola Akinyetun Ikponmwosa Ebomoyi e Ambrose Osariyekemwen Iyase analisam as práticas endógenas de construção da paz, mais enraizadas no contexto local que, segundo os autores, priorizam a inclusão, a responsabilização, a diversificação dos meios de subsistência e a restauração ecológica como pilares centrais. E, em *Sharia no território Iorubá: explorando o pluralismo religioso e as tensões étnicas no sudoeste nigeriano*, Olasupo Thompson, Tokunbo Stephen Dada, Olugbenga Seun Aina, Bamidele Jinadu e Suraju-deen Oladotun Oladele discutem como a reintrodução de tribunais da *sharia* no território iorubá reacendeu debates sobre pluralismo religioso, relações étnicas e constitucionalismo na democracia multiétnica da Nigéria. Os autores examinam as dimensões históricas, jurídicas, sociopolíticas e culturais da controvérsia da *sharia* na região, avaliando suas implicações para a harmonia entre grupos, a governança e a unidade nacional.

A RBEA, contudo, é uma publicação eletrônica bilíngue (português e inglês). Assim, esperamos a contribuição de colegas do Brasil e do exterior, com os quais pretendemos estabelecer vínculos para o aprofundamento do conhecimento e a construção de uma visão do Sul sobre o continente africano e das relações com ele.

Agradecemos ao Assistente de Edição Augusto Lorenzo Esposito, bem como à equipe do Cebrafrica que trabalhou na tradução e revisão dos artigos, Augusto Camatti, Gabriela Gampe Bonness, Gabriele Lima de Souza, Giuseppe Camargo Pulice, Isabella Cruzichi, Ítalo Daniel Fonseca, Letícia Soares Rosa, Luca Franklin Primon, Luiza Gabriel de Souza, Kauane Santos de Oliveira, Maria Eduarda Lameira Nascimento, Maria Manoela Ribeiro Spolavori, Mariana Realí Vitola, Matheus Severiano Marques Xavier, Pedro Henrique Galante Zandoná, Rebeca Martins de Lima, Vinicius Zanchin Baldissera e Vitor Redivo Ferreira.